

Da *Insula* à insularidade: os espaços da «açorianidade»

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS*

PALAVRAS-CHAVE: *Insula*, Novo Mundo, Insularidade, Emigração, Sátira.

KEYWORDS: *Insula*, New World, Insularity, Emigration, Satire.

[...] *profissão de alto risco: a de ser ilhéu a tempo inteiro.*

Cristóvão de Aguiar, *Marilha*, 2005: 182

Poderá um espaço regional reivindicar uma literatura autónoma? Não será legítimo pugnar pela identidade literária, em maior ou menor grau de risco, de uma região autossuficiente? Constituirá o regionalismo um trampolim para a pejorativa depauperação ou, antes, para o enriquecimento salvífico da Literatura nacional? Na senda destas interrogações, tão menos retóricas quanto carecendo de uma resposta consensual, a «questão da literatura açoriana» tem vindo a apaixonar, de há muito, não poucos especialistas na matéria e a gerar uma controvérsia salutar. Este paradigma teórico que, exaustivamente revisitado por Onésimo Teotónio Almeida na obra epónima, englobou múltiplos contributos de Homens de Letras,¹ é passível de subsunção, num simplismo

* Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM).

¹ Ver, entre outros, e para além do texto «A questão revisitada» e dos «Apêndices 1. e 2.» – «Da ausência de produção teórica na literatura açoriana» e «Uma cadeira de literatura açoriana nos Estados Unidos» – de Onésimo Teotónio Almeida, «Açorianidade» por Vitorino Nemésio, entrevistado por Rebelo de Bettencourt; «Por uma autêntica literatura açoriana» por Eduíno Borges Garcia; «Possibilidades de uma literatura de significação açoriana» por Ruy Galvão de Carvalho; «Para uma teoria de literatura açoriana» por Eduíno de Jesus; «Existirá uma literatura açoriana?» por João Gaspar Simões; «O homem açoriano é um mito e a expressão ‘literatura açoriana’ é um equívoco» por Cristóvão de

académico confrangedor da nossa parte, em três pontos cruciais: a autonomia de uma literatura açoriana; a vinculação desta última à literatura portuguesa, mediante aposição de lexemas do tipo «significação» ou «especificidade» e, por fim, a contradita da sua existência ou, mais bem dito, independência (a nível de eventual filiação) literária. Sem rejeitarmos nenhuma das vertentes exaradas, pelo facto de não dispormos de dados científicos rigorosos suscetíveis de cabalmente as fundamentarem e/ou denegarem (peritos houve que, mercê das suas vivências insulanas e graças a uma denodada pesquisa, expuseram argumentos de autoridade), não ficamos indiferentes – indiferença que poderia arvorar uma atitude de neutralidade epistemológica ou gnosiológica contracarreando o âmago deste trabalho – ao debate que vem de longe. Sendo a literatura, na sucinta e clarividente definição de Georges Gusdorf (1991: 278), o uso estético da linguagem (e, também, o seu uso estilístico), uma hipótese a aventar consistiria no recurso mais ou menos sistemático ao açorianismo (podendo ser entendido como desvio à norma do sistema linguístico português), com vista a uma eventual «rotulação» geográfica, não desmentindo o sintagma «Região Autónoma» designativo do Arquipélago dos Açores. Tal catalogação, neste campo movediço de irresoluções ou dúbias certezas, espraiar-se-ia através do termo «significação», pela via da idiosincrasia de uma temática configurada pelos motivos da insularidade (mar e terra), da religiosidade (Festa do Divino Espírito Santo), da emigração para a América e do ciclo baleeiro, para mais não enumerar.² Citando Onésimo Teotónio Almeida,

Aguiar; «Eu creio na literatura açoriana, na açorianidade» por Carlos Faria; «Literatura açoriana inserida no contexto da literatura portuguesa» por J. H. Borges Martins; «A literatura regionalista» por João Gaspar Simões; «Há ou não uma literatura açoriana?» por João de Melo e «Subsídios para o estudo das literaturas islenhas» por Vasco Pereira da Costa.

² No seu estudo introdutório à *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, séculos XIX e XX, intitulado «Aproximação a um estudo da novelística açoriana de ontem e de hoje» e datado de janeiro de 1978, João de Melo aponta quatro situações verificáveis nos textos de Autores açorianos: «I. Uma escrita da terra açoriana: – expressa ou virtual, operária, camponesa e urbana (Cristóvão de Aguiar e Vasco Pereira da Costa [entre outros]). II. Uma escrita do mar: – a pesca, o naufrágio, a baleia, a condição social do pescador e do navegante (Vitorino Nemésio e Dias de Melo). III. Uma escrita da emigração: A) Fora dela: ida-viagem-regresso-ida (José Martins Garcia e Dias de Melo). B) Dentro dela: – o escritor emigrado (Onésimo Teotónio Almeida). IV. Uma escrita poliédrica: – incluindo os temas anteriores, guerra colonial e outros, referente, mas não localizada ou totalmente estranha ao arquipélago (Carlos Wallenstein [entre outros])» (1978: 30).

[...] o facto de se falar de «literatura açoriana» não significa que estejamos em presença de uma literatura necessariamente autónoma, ou muito menos independente. A literatura açoriana não é independente da portuguesa, uma vez que ela se desenvolve dentro das linhas fundamentais desta. Nem é autónoma, porque os elementos próprios que ela contém não são suficientes para se falar de autonomia. São, porém, suficientes para se falar de uma literatura simplesmente, com a sua história e tradição dentro da portuguesa. (2011: 91).

Abstendo-nos de revisitar a sempiterna dicotomia regionalismo *versus* nacionalismo,³ bem como a tríade literatura local, nacional e universal,⁴ alvo de estudo aprofundado em variegados campos epistemológicos, quedar-nos-emos tão-somente na análise comparatista de *Contrabando Original* (romance de José Martins Garcia,⁵ hoje injustamente esquecido, publicado em 1987) e de *Passageiro em Trânsito* («novela em espiral» imerecidamente olvidada de Cristóvão de Aguiar,⁶ dada ao prelo em 1988 e reescrita em 1994).

³ A dicotomia regionalismo e universalidade, «minuscuidade» espacial e nacionalismo «continental», não deixou de ser abordada por Álamo Oliveira no seu romance *Pátio d'Alfândega meia-noite*: «Que interessa à árvore da literatura nacional um romance que gira à volta do eixo somítico da pequena cidade da ilha do tamanho duma caganita de coelho, perdida no meio do mar, com um povo de linguajar diferente e sumido de velho?» (Oliveira, 1992: 21).

⁴ «The point is that there is no other justification for the study of world literature (and for the existence of departments of comparative literature) but this: to be a thorn in the side, a permanent intellectual challenge to national literatures – especially the local literature.» (Moretti, 2000: 68).

⁵ José Martins Garcia (1941-2002), ensaísta – *Para uma Literatura Açoriana* (1987) –, contista – *Katafaraum Ressurrecto* (1992) – e poeta – *Feldegato Cantabile* –, foi Leitor de português na Universidade Católica de Paris (entre 1969 e 1971), docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (de 1971 a 1979), Professor Convidado da Brown University [Providence] (de 1979 a 1984) e Professor Catedrático da Universidade dos Açores, onde ocupou o cargo de Vice-Reitor e de Diretor da Revista *Arquipélago*. A peça *Domiciano* (1987) recebeu o prémio Armando Côrtes-Rodrigues. *Vide*, para mais informações e referências bibliográficas, o posfácio de Urbano Bettencourt, intitulado «Signo Atlântico», in *Português, Contrabandista*.

⁶ Destacamos, de entre as suas obras, *Relação de Bordo* (1964-1988), *diário ou nem tanto ou talvez muito mais* (Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE / CMP), Campo das Letras, 1999; *Relação de Bordo II* (1989-1992), *diário ou nem tanto ou talvez muito mais*, Campo das Letras, 2000; *Relação de Bordo III*, *diário ou nem tanto ou talvez muito mais*, P. D. Quixote, 2004; *Trasfega, casos e contos*, Prémio Miguel Torga / Cidade de Coimbra, 2002; *Marilha, sequência narrativa*, D. Quixote, 2000 e *A Tabuada do Tempo*, Prémio Miguel Torga, Almedina, 2006.

Ao folhear o *incipit* de *Contrabando Original* até o não-leitor⁷ se apercebe de que está perante um romance genologicamente complexo e híbrido, oscilando entre o *Bildungsroman* e a «auto-bio-grafia» (Gusdorf, 1991b) do protagonista-narrador Miguel Rafael, nome «de ridícula rima» (Garcia, 1987: 30). Mais romance de formação do que de educação (tendo em conta a escassa presença de mentores eficientes, entre os quais o padre e o professor), menos romance pedagógico e iniciático do que de desenvolvimento (atendendo à não pré-determinação pela pedagogia do itinerário vivencial e à não identificação da trajetória do protagonista com a experiência «heróica» do neófito), ele é, inquestionavelmente, um romance de aprendizagem negativa, configurado pela inoperância dos pseudoajuvantes familiares e pela eficácia do oponente espacial islenho, na sua tríplice vertente histórica, sociológica e ontológica. Tal desaprendizado exemplar tem início em Monte Brabo, freguesia da Ilha do Pico orquestrada pelo tribalismo primevo e refratária à entrada da História que, personificada, vai tateando a sua sub-reptícia aproximação.

Um dia a História acabaria por chegar a Monte Brabo. [...] Imóvel, a História cismava na sua entrada em cena. [...] (Garcia, 1987: 48-49).

Com o advento da História, logo surgiu a sua natural superestrutura : a sátira. [...] A sátira incipiente caracteriza-se por ficar aquém da realidade. Mas a sátira é duma fecundidade atroz [...] (*ibid.*: 52-53).

O mundo sem História tinha as fronteiras de Monte Brabo. (*ibid.*: 62).

Era a História gaguejando na boca do tribalismo. (*ibid.*: 66).

Não histórico ou, mais bem dito, extra-histórico, vegeta o burgo estático, regido por memes⁸ duradouros, imutáveis e antirracionalis, na indiferença pelo paradigma da mudança, empenhando-se, por conseguinte, na regeneração de um Tempo cíclico, sinónimo de não tempo, que o ritual exprime e simboliza.

⁷ Para Pierre Bayard, a não-leitura confronta-se com três constrangimentos interiorizados: a obrigação de ler, a obrigação de se ler tudo e o discurso que se tem sobre os livros. Em relação a este último, e na perspetiva do autor, «é perfeitamente possível falar-se de forma apaixonada sobre um livro que se não leu, e, acima de tudo, falar-se com alguém que também o não tenha lido.» (Bayard, 2007: 8).

⁸ «Uma *cultura* é um conjunto de ideias que influenciam os seus portadores e os levam a comportar-se de modo semelhante em alguns sentidos. A maior parte das ideias [...] tem uma longa história de transmissão de uma pessoa para outra. Este processo transforma essas ideias em *memes* – ideias que são replicadores.» (Deutsch, 2013: 533-534).

Na senda do carácter proteiforme do ritualismo, alvo de uma sátira facunda, destaca-se Monte Brabo pelo culto da mecanização, que tanto abarca o vórtice do tempo autofágico (que a recorrência do imperfeito iterativo e do determinante indefinido comprova à saciedade) como a reza automática, a qual, aparentada com uma qualquer ladainha grotesca, se torna passível de profanação do sagrado ao deturpar ludicamente as expressões bíblicas em latim.⁹

O Ano Novo não era um novo ano ; era uma cantoria igual à de todos os anos. Todos os anos se matava o porco, o mesmo porco. Todos os anos nascia o Menino Jesus depois das mesmas novenas. [...] Todos os anos se semeava o mesmo milho [...] se rapavam as mesmas vinhas, se sulfatavam as mesmas folhas, se desfolhava a mesma parreira, se colhia e moía o mesmo bago, se provava o mesmo mosto, se fervia o mesmo no mesmo balseiro, [...] se ajuntava o gado no mesmo Setembro... (Garcia, 1987: 51).

[...] Monte Brabo desconhecia o *semelhante*, contentando-se em amar o *próximo* só na teoria de algumas rezas mecanicamente mastigadas. (*ibid.*: 11).

Fazendo jus a fórmulas ritualísticas esvaziadas de sentido – um sentido que o enigmático narrador tenta pacientemente recuperar –, rege-se esta «freguesia dumas oitocentas almas» (*ibid.*: 19) pela hodologia, tão mais sequiosa de rumores de imoralidade como de indícios de inovação contrários ao espírito de clã. Neste sentido, e à mercê de uma ambígua tabela axiológica (que o protagonista, em processo de amadurecimento,¹⁰ vai desambiguando),

⁹ «Minha mãe, cada vez mais sombra, obrigava-nos a rezar o rosário, depois da ceia, pela salvação do nosso pai. [...] Eram cento e cinquenta *Avé Marias*, cada dezena encabeçada por um *Padre Nosso* e rematada por um *Gloria Patri* [...] o *Sicut erat in principio et nunc et semper* volvia-se *Sicudera no princípio e nunca e sempre* [...]» (*ibid.*: 40). Também o latim do sacristão se revela pouco ortodoxo : «[...] era em certa medida diabólico : o homem, vim a saber, transformava o inteligível *Et cum spiritu tuo* naquele *Coisprituó* audivelmente carregado de magia negra.» (*ibid.*: 72).

¹⁰ Não deixa de ser interessante assinalar o recurso às frases entre parênteses e travessões como repositório de apotegmas, sentenças universais e verdades relativas firmando a intrusão do narrador e moldando o universo ideológico autorial. Nesta ordem de ideias, é «A coerência – a grande ausente de toda a verborreia popular ou erudita – [...]» (Garcia, 1987: 10); «Acompanhaste [José Rafael, pai de Miguel] a voz do povo – nem sempre voz de Deus! – [...]» (*ibid.*: 16); «O escuro ainda me [a Miguel Rafael] causava, nesse tempo, arrepios. (Desobstruir o escuro exige muita meditação.)» (*ibid.*: 57-58); «Jerónimo não tinha emigrado para a Califórnia. Ficara-se por Betefete (vim a saber: New Bedford).» (*ibid.*: 44); para a Tia Helena, «É mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha

Monte Brabo, agente de discriminação sexista, encara o adultério feminino como «ferro a marcar rês» (*ibid.*: 19), foge da camionete de carreira «como do próprio Diabo» (*ibid.*: 33), verbera (pelo discurso indireto livre tomado de empréstimo à mãe de Miguel Rafael) o Liceu misto em termos de «Casa de hereges», que o duplo recurso à parataxe e à exclamação enfatiza,¹¹ tece encómios ao povo laborioso (que o excesso demagógico de adjetivação acaba por anular), impõe sociolinguisticamente a «abença» como regra de saudação (escalpelizada pelo narrador, do ponto de vista gramatical, como desvio incoerente à norma)¹² e estreia-se, a medo, numa luta de classes ou, na perspetiva de Rafael Gomes Filipe,¹³ na sua substituição pelas «classes de luta». De realçar a crítica ao antagonismo das classes sociais, com particular incidência sobre a cultura do povo – somatório de manifestações culturais, decalcadas no modelo primitivo e recitadas de geração em geração – e sobre a criatividade popular – sùmula de ideias replicadas e replicadoras (memes), movendo-se entre a conjectura (variação) e a crítica (seleção). As teorias que subjazem ao espaço social não tardam a ser desmascaradas pelo protagonista autodidata, que não só corrobora a inexistência de uma burguesia, de um proletariado e de um campesinato, como também se não coíbe de ironicamente denegrir a potestade da invenção e produção populares: «O povo nunca se engana, nem sob a democracia, nem sob um totalitarismo: está sempre em processo criativo,

do que entrar um rico no reino dos céus... Mas isto nada garantia quanto aos pobres... O camelo e o fundo da agulha (Vim a saber, quando estudei grego, que o disparate resultava da má tradução.)» (*ibid.*: 82).

¹¹«Liceu! [...] Liberdade! Raparigas e rapazes, tudo junto! Demónios à solta!» (Garcia, 1987: 80).

¹²«Quando algum parente me [ao narrador] respondia *Dês t'abençou*, eu compreendia que Deus (Dês) me havia concedido, pela boca daquele falante, uma graça [...] Foi-se formando na minha mente um verbo, o verbo *abençar*. Ao percorrer, na gramática portuguesa [...] os capítulos referentes à flexão verbal, não encontrei o verbo *abençar*, [...] Já meu pai falecera [...] quando descobri que *abença* não era forma verbal, mas sim a deturpação do conjunto *a bênção*, ou seja, dum artigo definido e dum substantivo, o todo mutilado pelo falar trapalhão de Monte Brabo. Portanto, o ridículo ritual da *abença* não passava de um pedido de *bênção*, expresso com elipse do verbo (*elipse*, só encontrei em gramáticas mais adiantadas; mas isso é outra história). [...] *Dês t'abençou* não significava um facto consumado, mas sim *Deus te abençoe*, imperativo exortativo, formalmente presente do conjuntivo, sendo a minha deficiente interpretação motivada pela maneira como o *ô*, seja ele escrito como *for*, sofre tratos de polé no falar de Monte Brabo... » (Garcia, 1987: 71-72).

¹³Vd. contracapa do romance.

mesmo quando torna um trecho irreconhecível; [...]» (Garcia, 1987: 116). Esta socialidade rival começa, em Monte Brabo, pela cobiça da propriedade privada do comerciante Francisco Gonçalves que, garante e garantia da sua prosperidade emergente, se resume ao rendimento lucrativo de uma pipa de vinho, vendida ao(s) copo(s), e de uma banheira singular, alugada para banhos. Daí a dimidiação social que, a par da História incipiente, começa a escorçar-se: por um lado, a não histórica «selhinha de lavar os pés» (*ibid.*: 48), na qual a Tia Helena de Miguel Rafael despeja meio caldeirão de água a ferver; por outro, o seu mais recente avatar histórico, a banheira burguesa que, simbolicamente moldada no conforto americano, não se furta a infligir gravosa humilhação à modesta tina insulana. Além do mais, vê-se o espaço ilhéu estigmatizado por um algo disfórico compasso de dois tempos, dando ênfase ao ritualismo, veiculando a repetição do ciclo binário em círculo, dificultando a variação, ou a facultá-la, tendendo para a degradação (sobremaneira no que respeita ao narrador). Assim sendo, há dois povoados próximos, o da Calheta, publicamente iluminada, e o de Monte Brabo, que persiste «na sua antiga noite» (*ibid.*: 135). Também o Pico apresenta dois rostos, um idílico, típico da montanha que é, outro ameaçador, lembrando o vulcão fervente que não deixa de ser e cuja visão menos idílica a fotografia impede (*ibid.*: 79). Por seu turno, a casa ferida de morte, onde nasce o narrador, alberga o Céu e o Inferno, passeando Deus pelos quartos e manifestando o Demónio a sua predileção pela cozinha (*ibid.*: 24). Do mesmo modo, dia após dia, duas camionetas chegam do Norte e do Sul e partem para o Sul e para o Norte (*ibid.*: 108-109); além do mais, na única rua, Rua Direita, circulam «dois belos automóveis» (*ibid.*: 133) adquiridos pelo progressista Gonçalves, sendo um para uso privado do núcleo familiar, encontrando-se o outro ao serviço público como «carro de praça», «engenhoca» guiada por um «chofer» da Calheta. Neste contexto dual, dois cafés animam o lugar – o Café Insular, onde o narrador faz a sua aprendizagem como caixeiro,¹⁴ e o café Pico, onde a mesma função é desempenhada pelo seu homólogo e inimigo Calhau (*ibid.*: 85). Por sua vez, podem contemplar-se, no Café Insular, dois barris de vinho, um de branco e outro de tinto, duas dúzias de copos de boca para baixo e «duas mesinhas redondas, cada uma assistida por duas cadeiras de vime.» (*ibid.*: 87). Ainda nesta conjuntura, os amantes de música e de dança usufruem de duas filarmónicas ensurdecedoras, a da Calheta e a do

¹⁴«[...] ainda não chegara à Calheta a subtil dialéctica entre *criado* e *empregado de café* [...]» (Garcia, 1987: 85).

Bandeiral, para não falar de dois ranchos montebrabenses, desafinados e rivais, designados por o «rancho de baixo» e «o rancho de cima» (*ibid.*: 115-116). Por fim, distingue-se, entre os membros da equipa técnica que asfalta a estrada, o «continente» Rebelo e o «olheiro» Ávila, ambos pelo seu «alto saber» (*ibid.*: 133). É, assim, natural que haja duas paródias – conquanto a freguesia deforme tal conceito e o defina não como uma das formas mais importantes da moderna autorreflexividade, mas como «festa um tanto desregrada» (*ibid.*: 134) – de duas orações bíblicas (o *Credo* e o *Pai Nosso*), da autoria da «Sociedade Humanitária Esgota-Pipas», delindo a já bem curta distância entre o profano e o sublime, e, mais natural ainda, que o protagonista tenha dois vícios: o da leitura e o da fixação na imagem de Marieta (*ibid.*: 147).

Este binarismo tendencioso, ao qual acresce a rumorofilia (vulgo «opinião pública» e, por antífrase, «genial opinião») que em dogma o cristaliza, espraia-se, no tocante ao «fenómeno emigratório», quer pela incipiente catalogação dos «americanos» antecedendo o seu retorno à terra natal – ricos e pobres, católicos e danados (*ibid.*: 62) –, quer pela original bipartição dos Estados Unidos em América de Baixo (que New Bedford, pronunciada «Betefete», emblematiza) e em América de Cima (identificada com o «paraíso californiano»), quer pela sumária hierarquização dos seus filhos adotivos em «bambas» (oriundos da América de Baixo) e «amarkianos» (provenientes da América de Cima). Verdade seja dita, o espaço americano introduzido no romance pelo cerimonial do regresso dos tios baleeiros¹⁵ – lexema dubiamente grafado em itálico e inquiridor, por conseguinte, da profissão indicada –, tanto entressenhado como vivido, mais não vem do que firmar paulatinamente a identidade da *insula*, sobretudo no que ao poder do dólar diz respeito ou, parafraseando a algarviada delicadoce de Monte Bravo, da «dolazinha» que, na opinião de Miguel Rafael, «fazia inchar». Assim é que, consoante testemunho do «calafona» Mike Baganha, vive-se, «in America», em regime democrático, diversamente do sistema ditatorial vigente em terras lusitanas: «O povo português era tolo. Consentia ser governado em *dictatorship*. Lá [...] o *President* tinha de andar na linha. Caso contrário, o povo [...] caminhava até à *White House* e gritava: “You, son of a bitch, go away...”» (*ibid.*: 77). Do mesmo modo, e sob o ponto de vista do Tio Luís, o luto, capricho

¹⁵A este respeito, seria impensável não referir José Dias de Melo, autor da trilogia *Pedras Negras*, *Mar pela Proa* e *Mar Rubro*. Também José Martins Garcia aborda, em *Morrer devagar*, os baleeiros no conto epónimo: «A passarada [...] insurgia-se em coro contra os baleeiros. A terra os parira, e eles abandonavam o ninho. Soberbos, pecaminosos por obra da América, acoitavam-se em casa alheia, pouco atávicos, desdenhosos.» (2009: 103).

insular, não se usa nessa «bendita fonte de dólares» (*ibid.*: 67), que metaforiza o Novo Mundo. Guiado pela visão obnubilada, porque vínica, deste familiar «calafona», através de um galimatias onde se interpenetram, num todo delirante de duvidoso rigor, elementos díspares de ordem geográfica, meteorológica e profissional, vai o imaginário do jovem protagonista alimentando passo a passo uma imagem involuntariamente lúdica (ou conscientemente crítica?) da Califórnia.

Na Califórnia, era preciso saber-se de gado. Fazia um calor dos diabos no vale de São Joaquim. As pessoas, meio torradas, subiam os montes – porque lá, entre o Vale e a costa, há grandes montes – e depois desciam para o fresco. O fresco vinha do Pacífico. No Vale de São Joaquim, os currais das vacas estendiam-se por milhas e milhas. Trabalho duro. Suores de morrer. O que valia era galgar as montanhas, passar a muralha e mergulhar no Pacífico.

De forma que, na minha imaginação, as vacas passaram a habitar em estábulos incrustados nas montanhas. Era uma autêntica muralha de vacas, separando o calor do Vale de São Joaquim da brisa reconfortante do Pacífico. (*ibid.*: 65).

Este mesmo olhar enviesado (menos oblíquo, sem sombra de dúvida, por fotografia interposta, trazida pelo «amarkiano» Luís, de três concorrentes ao título de Miss América) tende para o paralelismo hiperbólico entre as «epidermes de pétala», os «cabelos de oiro macio» e as «cinturas delgadíssimas», que metonimizam as «divas» americanas (atente-se na sùmula de clichés ao serviço do estereótipo), e as «pelas [*sic*] encoiradas», as «farripas engorduradas» e os «corpos abarricados» (*ibid.*: 38), apanágio das mulheres da tribo islenha. É, ainda, o sortilégio do espaço entrevisto que dita ao narrador a imagem insólita da gravidez do baú, metáfora genética da proliferação de bauzinhos que, de tamanho desigual e mais-valia diversificada, arribam à indiscrição nata da *Insula*: «Talvez nascessem [os baús] já daquele tamanho, paridos por um Baú-Mãe do tamanho da Califórnia. Tinham viajado, aqueles baús prisioneiros apenas de cordame.» (*ibid.*: 49). Contrastando com o labéu pairando sobre as tribos insulares estagnadas no século XV (*ibid.*: 143) e intransigentes quanto à eletrificação,¹⁶ a miragem novecentista do Novo Mundo transmuta-se, para o narrador, em ícone de hegemonia urbanística (arranha-céus), económica – «[...] ter ranchos [...] *mechins* mais milagrosos que todas as divindades, [...]»

¹⁶«Monte Brabo rosnou ameaças diante da perspectiva duma invasão pela luz eléctrica. Era o bicho cioso do seu antro, temendo as novas técnicas do caçador.» (Garcia, 1987: 131).

– e social – «Ser duro, comandar, [...]» (*ibid.*: 38) – que, mediante «afinação» surpreendente, opera, na ótica do Tio Luís, a prodigiosa conversão do português típico no seu contrário atípico: «Chega lá o portuguesinho preguiçoso e a preguiça acaba enquanto o Diabo esfrega um olho. O portuguesinho até começa a ser pontual, coisa que nunca é na sua própria pátria.» (*ibid.*: 142). Conquanto Monte Brabo se entretenha em macular a «pátria» dos emigrantes, asseverando que a América, «terra de hereges e de maus costumes» (*ibid.*: 62), só «transformava, para pior, as pessoas» (*ibid.*: 66), Miguel Rafael, na peugada de uma curiosidade obsessora de tão invadente, anaforicamente martelada, questiona-se tanto sobre a veracidade da «opinião pública» (eficiente produtora de boatos e murmúrios) como sobre os costumes de um continente que a lonjura e a pujança configuram.

Mas... como iam decorrendo os dias nessas paragens americanas? Eram agricultores, comerciantes, pescadores, simples assalariados, ladrões políticos?... Como se divertiam aos domingos e aos feriados? Como eram as suas casas americanas? Como eram as escolas que os filhos frequentavam? Como eram os professores do Novo Mundo? Como é que se viajava dentro dos Estados Unidos? (*ibid.*: 62).

Diferente, à nascença, de seus familiares, tanto a nível da prosopografia – «Louro e de olhos verdes, desgarrado do grosso da coluna [...]» (*ibid.*: 23) – como no que à etopeia diz respeito – «Que “gente” era aquela? [...] O ritual... foi uma vez. Repeti-lo é uma distração e uma ligação de superfície à ordem estabelecida.» (*ibid.*: 40, 72) –, Miguel Rafael – que entra na História por detestar a repetição e por verberar o ritual –, após relação incestuosa com sua irmã Mariana, a realçar a degenerescência¹⁷ montebrabense, concretiza o seu sonho de abalar para o Novo Mundo, perdendo destarte a assunção da sua identidade, ou seja, a *Insula*, passível de estilhaçamento em miríades de vidas paralelas (refratário, ator e cônsul de Portugal)¹⁸ e de variegados cenários

¹⁷«Os cruzamentos e recruzamentos de primos e mais primos haviam produzido, não uma raça superior, mas uma raça de tarados, de loucos mansos e de doidos varridos.» (Garcia, 1987: 181).

¹⁸A Parte III deste romance, tornando ainda mais complexa a sua ‘rotulação’, é constituída por dois Capítulos de Memórias, por um Capítulo de Notas e pelo derradeiro Capítulo intitulado «Afugentação dos Abutres». Se em «Memórias dum Refractário» o novo e primeiro *alter ego* do narrador se autorretrata como sendo subversivo e imprestável, e se em «Memórias dum Actor frustrado» o seu segundo *alter ego* entra em duelo com a

protagonizados por máscaras distintas: «Na ilusão do meu desejo descubro o desejar irremediável. [...] Como se viajasse ao mesmo tempo num infinito número de veículos olhando-me a mim outro na múltipla partida rumo a uma desmesurada expansão.» (*ibid.*: 209). Desintegrado pela fuga almejada da Ilha, intrínseca à identidade do ilhéu, o protagonista-narrador trafica-se a si próprio, segundo Carla Cook (2004: 107), pela via de um contrabando¹⁹ votado ao fracasso e, «passageiro em trânsito», anula-se entre o espaço de origem – a Ilha perdida –, do qual julga erroneamente libertar-se, e o espaço de chegada, qual utopia que não lhe permite o reencontro consigo mesmo.

Esta multiplicação identitária não ocorre na novela em espiral «Passageiro em Trânsito» (note-se a subversão do cânone, pela via da metáfora geométrica da espiral caracterizadora da estrutura da narrativa, redundando no escorço de uma linha curva descrita por um ponto, que tanto volveia em torno de outro como dele se vai apartando), onde – pela via de um protagonista afeiçoado não só ao ato de partir ou, por outras palavras, a essa privilegiada faixa temporal sita, algures, entre a despedida e a largada, mas também ao solilóquio frutífero²⁰ – se assiste paulatinamente a uma conversão do real e a uma subsequente metamorfose do espaço, firmadas em definitivo pelo não enigmático alegorismo. Nesta sequência, transmuta-se a «moderna feitoria» que é o aeroporto, detentor de uma ampla sala de espera, em laboriosa (e também penosa) oficina de escrita, transformando-se a deambulação do peripatético protagonista em peregrinação literária do sujeito escrevente, à procura de uma epifania da inspiração, cristalizada em «causos» ou contos desembocando num ponto [.], suscetível de ser identificado com a interiorização mítica da Ilha. Taumaturgo e resiliente, carrega o narrador o peso da *Insula* – «encravada na

sobreposição de vários mundos invasores da memória pessoal, em «Notas dum Cônsul ofendido» desdobra-se em advogado de acusação (o Cônsul Jeremias de V. E. S. Rodrigues) e de defesa (o «traficante açoriano» Miguel Rafael de S. V.), enfatizando a prosápia do primeiro mediante a obsessiva repetição do sintagma «Eu, cônsul», bem como a sua pouca cultura, patente no designativo do Curso do segundo – «Filologia Romântica» (Garcia, 1987: 250, 247).

¹⁹Esta «vocação» para o contrabando surge, igualmente, no romance *Memória da Terra*: «Se todas as minhas diligências correrem como têm corrido até ao presente, o mais sensato será marcar passagem de regresso no próximo *Santo António*; sumir-me em Lisboa, num hotel a preço módico [...], fazer-me contrabandista, procurar... Procurar o quê, santo Deus?» (Garcia, 1990:62).

²⁰«Não merecia a pena teres escrito numa folha de papel. Colaste-a no espelho. À guisa de lembrete. E escreveste. *Cobarde, fraco, abúlico, volúvel, inconstante.*» (Aguiar, 1994: 64).

vesícula», «encalhada» como «pedrilha», «extraviada e retrovertida em latim. *Calculus, calculi.*» (Aguiar, 1994: 43, 45, 47) –, cujas raízes, particularmente uma designada por «Sebastiana»²¹ (versão feminina do mito lusitano?), de tal modo se arreigaram ao seu subsolo corporal – em função de um tigmotropismo que tanto lhes agudiza como lhes apazigua a dor²² – que urge proceder à respetiva ablação. Com efeito, extrair a Ilha da vesícula ou, melhor, desterritorializá-la, sem ressaltar o seu replantio, será incorrer no risco de a perder e de se perder, porquanto a Ilha é implacável e vingativa (*ibid.*: 39), revelando-se «uma roleta onde as apostas se fazem às avessas» (*ibid.*: 43). Esta é, aliás, a situação confrangedora de uma passageira viúva (recebendo ulteriormente o nome próprio de Deolinda) – espiada pelo *Homo Insula* –, que confessa haver perdido a sua Ilha e «Nunca mais [a] encontrou [...] a não ser na maré-vaza.» (*ibid.*: 84). Quanto ao seu companheiro de viagem – note-se, de passagem, o contraste entre o mutismo do segundo e a verborreia da primeira –, um luso-americano tardiamente nomeado Senhor Reigó, ele encontra-se de abalada para a sua Ilha sumida, que tão-somente descobriu no momento em que dela se apartou, e que espera vir a reconhecer no nenhures: «Ignora de todo se a vai encontrar no sítio onde a deixou da última vez. [...] Essa [a Ilha desaparecida], criou-lhe um vazio na chã de dentro.» (*ibid.*: 85, 117). Também Afrânio Gaudêncio, outro alvo de observação por parte do perambulador em «transe», vive a experiência do «ilhéu sem Ilha» ao ver delido o fascínio do verbo «embarcar» pelo trauma auditivo dos três «uivos» do *Carvalho Araújo* (prestes a rumar à Ilha de Santa Maria) e pela sensação premente de um espaço insular paulatinamente invasor: «A sua Ilha ia ficando para trás e principiava a senti-la entornando-se para dentro dele. Gota a gota.» (*ibid.*: 40). Ainda neste contexto, Antília, no dia em que completa dezoito anos, toma a decisão de imergir a sua Ilha antes de voar para a América, esquecendo-se, todavia, que uma Ilha «costuma sempre criar, em silêncio, profundas raízes», sendo preciso, para a afogar, «um mar a ferver de sangue» (*ibid.*: 151).

²¹«A raiz pertence-me. [...] Perfura-me o húmus e a outra pouca terra arável com algum do meu consentimento. Delimito-lhe a propriedade privada com os respectivos marcos. Levam as iniciais do meu nome.» (Aguiar, 1994: 110).

²²«Dóis tanto, querida. [...] A alegria crepuscular e fundamental de meus tropismos. [...] essa minha raiz [...] Comigo veio para o aeroporto e agora comigo se passeia, sem se e me doer. Aguarda como eu o anúncio a ser difundido em três línguas. Não dói.» (Aguiar, 1994: 6, 111).

Afinal, se a derrelicção da Ilha é conducente à perda da mesma, o estatuto ideal afigura-se o de «passageiro em trânsito», estado solto, porque itinerante, no *entre* o espaço original (contrabandeado ou não) e o espaço vivencial (mais ou menos traficável): «Dorme-se descansado em todos os aeroportos do mundo. E anda-se em trânsito pegado para um lado de lá qualquer.» (*ibid.*: 74). Assim é que o narrador amante, vergado ao peso da Ilha amada, desfruta dos «não-lugares» da modernidade (que, na perspectiva de Marc Augé, e diversamente dos lugares antropológicos, são lugares transitórios propulsores de liberdade), desde as docas algo caídas em desuso, passando pelas usadas estações de caminho de ferro e terminando o itinerário em aeroportos paradigmáticos, internacionais ou domésticos, que tanto constituem o macrocosmos coletivo do microcosmos individual – «Dos aeroportos fervilhando de destinos cruzados e descruzados.» (*ibid.*: 75) –, como metamorfoseiam o Tempo, que ora se estende ora se contrai, sob a égide quer da subjetividade do protagonista quer do tráfico venal de que é objeto indelével.

Como massa lèveda envaidecendo-se nos alguidares, cresce o tempo no aeroporto. [...] Cada vez mais sofro de míngua de tempo. [...] E aqui neste aeroporto que me foi destinado, estou começando a sentir-me enfartado de tantas conchas de tempo que até agora comi. Coitados dos pobrezinhos. Uns com tudo, outros sem uma côdea para aguçar os dentes. [...] Não encontro um pobrezinho a quem possa encher uma malguinha. [...] é tão difícil encontrar alguém que aceite, sem torcer o nariz, restos de tempo ainda em bom uso. Dava-me jeito. Quase novo. Só um tudo-nada puído nos cotovelos. [...] Quem te manda a ti desperdiçar tantas conchas acoguladas de tempo? (*ibid.*: 78-79, 87, 115).

É neste algures não cartografado ou mapeado que a polifonia ou, por outras palavras, a audifonia se torna perceptível, justapondo ludicamente, sob o olhar vigilante e a pena diligente do narrador, espaços singulares detentores de uma especificidade aparentemente não permutável. Atentando na onomástica, fica o leitor informado de que a já citada viúva Deolinda, cujo apelido em solteira era Suza, toma, após a aquisição da cidadania, o sobrenome do marido, [Joe] Perry (envernizador de chouriços em solo americano), que «Era o Pereira daquele tempo, o José Pereira Assoprado na Ilha.» (*ibid.*: 116). Deformação similar é detetável quer no tocante ao nome de Manoel Reigó que, antes da naturalização, se identificava com o «Manolinho nos círculos mais íntimos» ou com «O Manuel do Rego na sua Ilha» (*ibid.*: 116), quer no que respeita a Mr. William Cavallo, «descendente de um Carvalho da Ilha» (*ibid.*: 155).

Aliás, não será uma «grande desgraça [...] a substituição do nome e a consciência disso»? (*ibid.*: 160). Decorrente de uma fonetização distinta da insular, bem como de uma aglutinação *sui generis*, a topografia vê-se, de supetão, desfigurada, transmutando-se New Bedford em «Batefête» e Fall River em «Forrível» (*ibid.*: 85). Ao longo deste duplo processo de desterritorialização e reterritorialização surge, não raro, a sátira «matreirinha», detentora de um *ethos* não agressivo (ao invés da ironia em José Martins Garcia), posto que amenizada pelo humor (operação do espírito que deteta, mede e sublinha o desfasamento entre o real e o ideal) que desagua no cómico, menos o cómico na retórica (tendo em vista a persuasão) do que o cómico da retórica, com particular incidência sobre os traços distintivos da argumentação e da demonstração: «Au niveau primaire, le comique agit, au niveau réflexif, il est saisi. Dans le comique de la rhétorique, nous serons presque toujours au niveau réflexif.» (Olbrechts-Tyteca, 1974: 13). Não parece despidendo, nesta ordem de ideias, visitar alguns exemplos de cómico, suscitando o sorriso que precede o riso e se identifica, na sua vertente de cómico de exclusão, com o ridículo:

– O fogo-de-artifício dos parónimos, consultados no *Dicionário Prático Ilustrado*: «– O meu relógio é uma matriz de infalibilidade. O teu, muito pelo contrário, parece uma meretriz de relaxamento. [...] Do Latim *meretrix, meretricis*. Compreendi então a diferença entre os dois aferidores da idade dos homens. [...] Acho que outorguei toda a minha preferência ao segundo maquinismo. Mais maluco.» (Aguiar, 1994: 82).

– O efeito veiculado pela recorrência de diminutivos não hipocorísticos: «Fominha de séculos, Senhor Santo Cristo.» (*ibid.*: 92); «Um molhinho de passageiros em plena confraternização em trânsito. Que reconfortante é deixar cair os olhos nesse cachinho de pessoas.» (*ibid.*: 98); «[...] o senhor Afrânio padrinho [...] Quer apadrinhar e estar presente na cerimónia da apoteótica entrada do novel doutor na pacata e ordeira sociedade da cidadezinha há anos dorminhando de rabinho assado para o ar.» (*ibid.*: 101-102).

– A aliança de palavras que parecem contradizer-se (e que, verdade seja dita, se contradizem...), tanto pela adjetivação inadequadamente expressiva, como pelo contraste entre o concreto (prosaico) e o abstrato (sublime), firmados não raro pela rima em final de frase: «Ainda se não passaram grandes momentos após ter a viúva palestrante tomado a peito fazer ressuscitar o defunto marido.» (*ibid.*: 93); «Para o fazer retornar às trabalhadoras deste enchouraçado vale de lágrimas?» (*ibid.*: 93-94); «Não teve o industrial a dita de ter gerado descendentes directos. Legítimos ou da mão canhota, tanto monta.» (*ibid.*: 101).

– A adaptação subversora (pela negativa) de frases convencionais tornadas clichés: «– Os senhores passageiros sem destino marcado no bilhete de passagem queiram dirigir-se a qualquer sala de embarque disponível. Porta alfa ou ómega. Atenção ao embarque anunciado...» (*ibid.*: 90).

– A profusão de asteísmos e de truísmos, reforçados pela focalização interna (do narrador e da personagem) e pelo discurso indireto livre: «A viúva vai em demanda da Ilha com o sentido de vender os bens que ao seu Joe pertenciam. Trabalhar uma vida inteira para os sobrinhos depois herdarem, não era trabalho abençoado de Deus. *Do you know?* Muito menos para irmãos. Cada qual se fosse governando com o que tinha. Quem quer uste que lhe custe! Mas enfim, nada de murmurações. [...] Cala-te boca!» (*ibid.*: 86).

– O recurso à antífrase, sob forma de falsa ingenuidade sarcástica, manipulando o valor (verdadeiro) do enunciado: «Nunca semelhante sociedade pacata, etcetra, poderia alguma vez consentir, em nome dos bons costumes e valores da família, que o filho de um vendedor de laranjas pudesse vir um dia a renegar o brasão dos seus antepassados vendilhões. Decidido fica por conseguinte que o filho de António Gaudêncio da Covoada, que de Coimbra veio com o canudo de leis no fundo da mala, passe a ser tratado com o respeito devido à sua pessoa e posição. – Eh laró, eh laró! É da doce e sumarenta, patroa!» (*ibid.*: 102): «Nela [em Fall River] existiam ao tempo [...] três clubes de diversão e cultura. O do Divino Espírito Santo, o de Nossa Senhora de Fátima e o do Senhor Santo Cristo.» (*ibid.*: 126).

– A eventual sugestão de um enriquecedor intertexto, cujo papel passa a ser insolentemente invertido e desemboca na crítica da pseudointelectualidade e/ou da real ignorância: «[...] D. Cesarina andava sempre de atalaia no seu posto de vigia de mosca à vista. Ela acompanhava o marido em todas as circunstâncias e dizia para quem a queria ouvir que o seu Afrânio e o Antero de Quental faziam belas quadras porque ambos tinham muito vocabulário, além de serem oriundos da mesma Ilha. Pouco depois, e perante o pasmo da dona de casa, zumbiu a mosca islenha.» (*ibid.*: 166). Quem dá a sensação, com efeito, de ser relegado para segundo plano é o micalense Antero de Quental...

– A sátira da América operacionalizada pelo zeugma – «país de Deus e da fartura» onde pululam os «coriscos dos dólares» (*ibid.*: 153, 152) –, pela perífrase e eufemismo jocoso – a *Funeral Home* é um «salão de beleza extra-terrena», onde se enfeitam «os aposentados da vida» (*ibid.*: 157, 93) – e pela atração por antiguidades alheias – «Em se tratando de coisas antigas, ficam [os Americanos] levantados do juízo. Compram tudo a peso de dólar. Ossos de

mortos ilustres de outros tempos. Castelos inteiros, pedra por pedra. Espadas ferrugentas de reis, vassallos e de outra nobreza comprovada.» (*ibid.*: 84).

Defluindo dos supracitados exemplos, o cómico emana tanto do discurso luso-americano como de uma certa teoria inovadora sobre a emigração. Com efeito, ao pedir um internacional bife com um ovo a cavalo [sendo este bife açoriano e não texano, o qual, segundo testemunho idóneo do narrador, é o «melhor do mundo» (*ibid.*: 162)], verifica o senhor Afrânio padrinho que um inseto díptero, vulgarmente designado por mosca (aquém e além-Atlântico), se atreve a cair na «molhanga amarela da gema esborrachada» (*ibid.*: 162-163), acabando por nela se imobilizar. Ora, como «Nisto de moscas era o senhor Afrânio muito *tafe* mesmo», a crítica não tarda a fazer a sua aparição em cena, sob a forma de teoria filosófica que o acirrado pró-americano e pseudoamericano vai filosoficamente desenvolvendo.

– Ninguém me tira das ideias, meus senhores. Mas ninguém. Tanto as moscas como as baratas. Já se começam a ver na terra da América. Ninguém me tira das ideias que não foram levadas pelos emigrantes das Ilhas. Gente mais *dirty* outra igual no mundo não conheço. Levam-nas nas malas e nos forros dos casacos. E chouriços também. Sou ainda do tempo. Santo tempo esse, em que não se enxergava uma só mosca em toda a terra da América. Depois que a emigração abriu as pernas, foi uma enchente de mosquedo e barataria, só visto. É bom que se saiba que nada tenho contra as novas leis da emigração. Quanto mais gente vier para a América, menos míngua haverá nas nossas Ilhas... (*ibid.*: 164).

Numa análise incipiente do discurso, quedemo-nos, fugazmente, na tripla repetição anafórica e dogmática do indefinido «Ninguém», na dupla retoma do plural «ideias», inusitado e descontextualizado na expressão idiomática, nos americanismos que sub-repticiamente invadem o fragmento que se quer argumentativo [«*Let it go* desta vez.» (*ibid.*: 163)], na associação mosquedo e barataria em que o zeugma chouriço só pode ter um carácter lúdico, na analogia, que a metáfora subentende, entre emigração e prostituição, na conceção regionalista do bem internacionalizado muscídeo e, por fim, na reviravolta ideológica da personagem que, após verberar a emigração, se não inibe de a defender, em nome da «Ilha transplantada», com um intuito económico e moralizador em simultâneo. Do mesmo modo, o seu amigo, eminente visitante chegado de Boston para se submeter – mas não em Boston –, na Ilha, a um tratamento de bexiga, inicia-se no débil discurso independentista de uma Ilha singular (olvidando as demais do Arquipélago) – «[...] aproveitava o

ensejo para iniciar um peditório destinado à angariação de fundos com vista à independência da Ilha. Mas só da sua Ilha. Que fique bem claro. As outras que se desunhassem.» (*ibid.*: 165) –, que o discurso indireto livre, aliado à expressão popularmente oralizante, corrobora humoristicamente. Aliás, o contraste, por vezes aviltante, entre a fisiologia e a espiritualidade, a primeira sobrelevando a segunda, é apanágio das personagens produtoras de um discurso algo infantilizado: o Senhor Reigó, depois de cumprir a sua «devoção diária no Clube do Divino Espírito Santo de Fall River» (*ibid.*: 125), dirige-se, lesto, para casa... obcecado por uma «biinha» ou, traduzindo, por uma «cervejinha»: «– Ah Janim, minha rica cara, traz uma biinha ao vavô; está na freijoeira; mim querer biinha fresca...» (*ibid.*). Um outro exemplo reside no culto, prestado por Deolinda Perry, aos substantivos e não aos verbos – que «estabelecem pontes semânticas entre o sujeito e os diversos complementos» (*ibid.*: 124) –, desembocando num idioleto mascavado: «– Eh Joe, parca-me o aresmobil na cóna de baixo, que a cóna de riba está tomates fógui...» (*ibid.*: 124).

Moldando-se o discurso da(s) personagem(ens) à osmose dos espaços plurais onde se move(m), difícil se torna não concluir que nos vamos distanciando de uma prática espacial de convenção que incide (tomando de empréstimo a teoria de Lefebvre) sobre a tríplice dimensão do vivido (apropriação e controlo, mais ou menos consistentes, do espaço), do percebido (fixação dos limites sociais e marcos psicológicos inerentes à acessibilidade e à distância) e do imaginado (poética do espaço e espaço do desejo). Sendo o espaço de representação uma criação mental, produtora de novos sentidos a nível da espacialidade, ele é, como escreve Helena Buescu, «construção e projecção cultural, fruto de pressupostos, parte integrante da *visão do mundo* [...] passível de mutações que são tantas outras alterações ao modo de o homem se pensar a si próprio [...]» (1990: 76-77). Ora, não será a «açorianidade», conceito nemesiano,²³ sinónima de cosmovisão, de mundividência, configurando a urgência de uma identificação cultural, balizada pelos valores do passado que se presentificam e renovam, balançando entre a tradição e a inovação? Cotejando²⁴ o «estatuto» espacial (um espaço comprimido no tempo) no romance de José Martins Garcia e na novela de

²³«Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.» (Nemésio, 1932, p. 52).

²⁴Marginalizamos, nesta exegese, os biografemas: em relação a José Martins Garcia, o cariz biografista da infância e da adolescência passadas na ilha do Pico; relativamente a Cristóvão de Aguiar, a figura do Pai, embarcado noutra Ilha, bem como o tempo estudantil coimbrão.

Cristóvão de Aguiar, não parece descabido inferir que ele está ao serviço de uma identidade insular (de uma *Insula* que se vai definindo e redefinindo como condição humana) e de uma alteridade geográfica (um influente Novo Mundo, anfitrião dos ilhéus emigrantes). Entre a «autotopia» (passe o termo, inspirado por Foucault) original, a heterotopia de ilusão (o continente americano encarado como utopia) e a heterotopia de compensação (o vaivém emigratório) gera-se a distopia, viabilizada pela sátira, suscetível de apontar as fragilidades múltiplas de três universos sociolinguisticamente distintos. Estes últimos, de modo pouco surpreendente, mas algo paradoxal, acabam por se subsumir na Ilha, simbólica e alegórica, perdida ou reencontrada, inegável cronótopo mítico. Assim, se Miguel Rafael, ativo contestatário do espaço insulano, sobretudo no que respeita ao atraso, vê a sua identidade estilhaçada ao abandonar as origens, o inominado narrador de *Passageiro em Trânsito*, cujos passos deambulatórios metaforizam inflexões metaficcionais e autoficcionais,²⁵ preserva o seu estatuto de ilhéu, ajuizado pelo peso da *Insula* e a ela sempre prestes a regressar: «Quero todas as pistas desimpedidas para a descolagem de algumas das minhas aventuras aéreas, como as minhas raízes. São elas que me sustentam de pé.» (Aguiar, 1994: 172). Se o primeiro presta homenagem à gramática, questionando e desmontando o castiço açorianismo ancestral, queda-se o segundo na semântica da proxémia subjacente à condição isleña, ambos ensimesmados na sua ‘diferença’ autocrítica e cónscios do seu papel de sagazes observadores. Do ponto de vista sociológico, atente-se, igualmente, na caricatura magistral não do emigrante forçado a partir (pelo mais variegado e louvável tipo de razões), mas de certos luso-americanos algo complexados,

²⁵Atente-se na assunção do protagonista como ficcionista e narrador – «Pelo menos, é minha intenção de ficcionista que o sejam [que os caminhos sejam diferentes]. [...] Palavra de narrador [...]» (Aguiar, 1994: 31, 41) –, no culto do rodeio ou desvio, sinónimo de liberdade da criação e de rejeição da «linha recta» narrativa – «Nunca gostei de securas geométricas, [...] Vagueio em enormes rodeios. [...] Sempre se revela o cometimento de outra grandeza semântica. E de uma maior graça estilística.» (*ibid.*: 81) –, no gosto pelo tropo [ou, mais bem dito, pela palavra metafórica (estabelecendo uma relação de analogia), pela palavra metonímica (alicerçada numa contiguidade lógica) e pela palavra sinedócica (fundada sobre a inclusão)] – «parido[a] com muita dor» (*ibid.*: 32) –, e na estratégia que preside à opção por esta e não por aquela personagem – «Não é todavia dele que neste momento me quero ocupar. [...] Mas tenciono ainda apanhá-lo no alto mar, se o tempo e a prosa estiverem de ficção.» [e não *de feição*...] / «Agora vou puxar o senhor Afrânio padrinho para dentro do rego desta história. Sinto que vem vindo atraído pelo meu chamado. E cá está ele.» (*ibid.*: 103).

cuja abalada se deve não tanto à pobreza que grassa na Ilha, mas ao anelo de aquisição de um estatuto de ‘grande senhor’, em quase tudo semelhante ao que, por privilégio de nascença, era outorgado aos senhores feudais da Ilha-feudo.

Longe do estereótipo turístico, alicerçado na oferta espacial e especial do mar azul, da montanha verde, das vacas pachorrentas, da baleia entrevista na lonjura, dos *spots* de *surf*, dos voos de parapente e das caminhadas alpestres alternando com os passeios de canoa, a *Insula* não só gera a insularidade (sobrevendo as suas condições geográficas, históricas, telúricas e climáticas), mas também o insulamento ou, melhor, o isolamento interior, revelando-se real ou concreta, abstrata ou mítica, situando-se ora no oceano, ora num outro mar, paradigma, segundo Margarida Maia Gouveia (1998:252), da navegação da vida.

Bibliografia

- AGUIAR, Cristóvão de (1994), *Passageiro em trânsito*, Lisboa, Edições Salamandra.
- (2005), *Marilha. Sequência narrativa*, Lisboa, D. Quixote.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1983), *A questão da literatura açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, col. Gaivota/32.
- (2011), *Açores, Açorianos, Açorianidade. Um espaço cultural*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura [2.^a ed. revista e ampliada].
- BAYARD, Pierre (2007), *Como falar dos livros que não lemos?*, Lisboa, Editora Verso da Kapa.
- BUESCU, Helena Carvalhão (1990), *Incidência do olhar: percepção e representação. Natureza e registo descritivo na evolução do romance romântico (Portugal, França, Inglaterra)*, Lisboa, Editorial Caminho.
- COOK, Carla Daniela Silva (2004), «A ilha como identidade em *Contrabando Original*», *Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores / Línguas e Literaturas*, n.º XVII, p. 91-107.
- DEUTSCH, David (2013), *O Início do Infinito. Explicações que transformam o mundo*, Lisboa, Gradiva, tradução de Florbela Marques.
- GARCIA, José Martins (1987), *Contrabando Original*, Lisboa, Vega, col. O chão da palavra.
- (1990), *Memória da Terra*, Lisboa, Vega, col. O chão da palavra.
- (2009), *Português, Contrabandista. Antologia de Contos*, Município das Lajes do Pico, col. Biblioteca Açoriana, posfácio de Urbano Bettencourt.

- GOUVEIA, Margarida Maia (1998), «Cecília Meireles: da ilha como condição humana», *Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores / Línguas e Literaturas*, n.º XV, p. 245-258.
- GUSDORF, Georges (1991a), *Les écritures du moi. Lignes de Vie 1*, Paris, Éditions Odile Jacob.
- (1991b), *Auto-bio-graphie. Lignes de Vie 2*, Paris, Éditions Odile Jacob.
- MELO, João de (1978), *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano. Séculos XIX e XX*, Lisboa, Editorial Vega, organização, prefácio e notas de João de Melo.
- MORETTI, Franco (2000), «Conjectures on world literature», *New Left Review*, January-February, p. 54-68.
- NEMÉSIO, Vitorino (1932), «Açorianidade», *Ínsula*, Ponta Delgada, n.º 7-8, p. 59.
- OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (1974), *Le comique du discours*, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles.
- OLIVEIRA, Álamo (1992), *Pátio d'Alfândega meia-noite*, Lisboa, Vega, col. O chão da palavra/Ficção.

TÍTULO: Da *Insula* à insularidade: os espaços da «açorianidade»

RESUMO: Partindo do nemesiano conceito de «açorianidade», sinónimo de mundividência, bem como da representação da insularidade, passível de caracterização a nível real ou geográfico e interior ou mítico, quedar-nos-emos na exegese comparatista entre *Contrabando Original*, romance de José Martins Garcia, e a «novela em espiral» *Passageiro em Trânsito*, da autoria de Cristóvão de Aguiar. Se o primeiro surge como um *Bildungsroman* em sentido contrário, fustigado pela sátira veiculando a paródia, o sarcasmo e a ironia, firma-se a segunda como narrativa metaficcional, repassada de humor a desaguar no cómico, pela via da adjunção, substituição, permutação e supressão. Urge, numa perspectiva temática, enfatizar o anelo de evasão de uma Ilha, primeva e concêntrica, rumo a um excêntrico Novo Mundo, sem olvidar o estatuto proteiforme da viagem. Será possível, no entanto, abandonar a *Insula* sem por ela ser vitimado?

TITLE: From *Insula* to Insularity: The Spaces of "Azoreanness"

ABSTRACT: Taking as a starting point the Nemesian notion of «Azoreanness», which is synonymous with worldview, as well as with the representation of insularity, subject to both real or geographic, and inner or mythical characterisation, we will dwell upon the comparatist exegesis between *Contrabando Original*, a novel by José Martins Garcia, and the «spiral novella» *Passageiro em Trânsito*, by Cristóvão de Aguiar. If the first can be seen as a reverse *Bildungsroman*, a novel ravaged by satire as a vehicle of parody, sarcasm and irony, the second appears as a metafictional narrative, a novella drenched with humour verging on the comic, by means of adjunction, substitution, permutation and suppression. From a thematic perspective, it compels some emphasis on the urge for evasion from a concentric, primeval island, toward an eccentric New World, keeping in mind the proteiform nature of this voyage. Will it be possible, though, to abandon the *Insula* without falling under its power?

Data de recepção / date of submission: 1.2014

Data de aceitação / date of acceptance: 2.2014